

**J.A. SEABRA DE FIGUEIREDO**

Docente da Católica Porto Business
School
Consultor

Andamos a dar tiros na nossa imagem

O presidente da Fundação Konrad Adenauer salientava, dias atrás, num jantar realizado aqui no Porto, que a opinião pública europeia e a vontade prevalecente, a nível do poder político nos diferentes estados membros, seriam muito favoráveis a Portugal.

Mas após ter substanciado, em detalhe, as diversas nuances existentes, chamava a atenção para o facto de o dia a dia no nosso país estar a ser observado, de perto, por profissionais dos órgãos de comunicação social da União Europeia, capazes de auscultar diretamente as pessoas comuns e de ler a realidade situada para lá do discurso político oficial. Sumariando, explicava a importância que acontecimentos aparentemente de segunda linha poderão vir a ter para fortalecer ou denegrir a nossa credibilidade.

Infelizmente, nos últimos tempos, tais observadores terão, talvez, vislumbrado uns tantos acontecimentos expectáveis num “estado-exíguo” mas não num país membro da UE.

Designadamente, ainda envolvidos pela perplexidade em que o “caso” da Universidade Lusófona nos mergulhou, acordámos para as últimas revelações sobre a saga das nomeações para o Metro do Porto – episódios que nada contribuem para consolidar ou melhorar a imagem de Portugal.

Depois dos avanços e recuos que animaram os títulos-de-caixa-alta, com nomes a serem sugeridos e retirados, na terça-feira foi divulgado que a CReSAP (Comissão de Recrutamento e Seleção da Administração Pública) teria “levantado dúvidas sobre os currículos de António Samagaio e António José Lopes”, indigitados para a administração do Metro. E tudo indica que, com base em tal parecer, o Governo optou por não considerar para tal posição a pessoa do Professor António Samagaio.

Tal como havíamos manifestado surpresa pelo

afastamento de outras personalidades, a referência supra feita a António Samagaio, uma vez que não aparece assente em qualquer apreciação ou justificação, merece ser comentada, dado estarmos perante um profissional de enorme qualidade, doutorado com distinção por uma das melhores universidades americanas e há longos anos professor na Universidade de Aveiro. Este especialista, conhecido pela sua ponderação, inteligência e cultura, seria certamente uma aquisição diferenciada para os órgãos dirigentes de qualquer empresa ou instituição.

A ser assim, em que critérios se baseou todo um processo decisório que afastou várias pessoas qualificadas, sem prestar explicações à opinião pública? É como foi possível envolver-se este Governo em mais uma controvérsia tão desgastante?

Enfim, o processo de nomeação de gestores para o Metro do Porto, que deveria ser transparente e baseado no bom senso, assumiu, afinal, um cariz opaco e subjetivo, bem ao arrepio da postura que o executivo precisa de projetar a nível nacional e internacional. Estamos, pois, a braços com mais um momento muito infeliz, particularmente grave numa altura em que estão pendentes tantos dossiers duma importância decisiva para o país.

Quando a CReSAP questiona, sem explicações à opinião pública, o currículo dum especialista de nomeada internacional, seria interessante inquirir quem analisa e julga o processo decisório de tal órgão e os currículos dos seus membros.

Esperemos, agora, que o imbróglgio da Universidade Lusófona e esta saga do Metro – bem diferentes na sua essência – não acabem por produzir ainda mais “novidades” capazes de deteriorar a nossa imagem e questionar a eficácia e “razão de ser” de alguns órgãos de fiscalização e avaliação.